

## A REPRESENTAÇÃO DO CORPO EXCLUÍDO EM ‘A CONFISSÃO DE LEONTINA’

Monique Santos de Oliveira (Graduada/ UFS)

A abordagem referente à exclusão feminina nos remete a questões inteiramente relacionadas à ordem simbólica da sociedade patriarcal, assim como a debates sobre a representação do corpo, uma vez que este pode ser compreendido como um lugar onde se inscreve marcas que evidenciam construções culturais e atribuições das diferenças. Nesse sentido, a exclusão feminina se constitui em um enfoque complexo, pois envolve várias áreas sociais e também culturais.

Como este trabalho contempla a análise da representação corpo da personagem excluída, no conto ‘A confissão de Leontina’, da coletânea *A estrutura da bolha de sabão* (1978), de Lygia Fagundes Telles, atentar-nos-emos, inicialmente, aos conceitos referentes ao corpo, bem como a sua relação nos contextos sociais. Para isso, é fundamental nos reportarmos aos seguintes estudos: *A sociologia do corpo* (2006), de David Le Breton, *O corpo educado* (2001) e *Um corpo estranho* (2008), ambos de Guacira Lopes Louro. Em seguida, apresentaremos a análise, relacionando-a com as teorias.

De antemão, informamos que o corpo se tornou um instrumento de estudo bastante analisado por diferentes áreas das ciências humanas. Entre essa área, temos a sociologia do corpo, a qual se constitui em um eixo da sociologia voltado para a “corporeidade humana como fenômeno social e cultural, motivo simbólico, objetos de representações e imaginários” (LE BRETON, 2006, p. 07). Já em outra área, temos os estudos de gênero que analisam o corpo como uma “referência que ancora a identidade” (LOURO, 2001, p. 14), como também as diferenças.

Na perspectiva da sociologia, o corpo é analisado no contexto social e cultural, pois é na relação com o outro que se constroem significações. Para Le Breton, o corpo é “o eixo da relação com o mundo, o lugar e o tempo nos quais a existência toma forma através da fisionomia singular de um ator” (2006, p. 07). Então, é por meio do corpo que o indivíduo se insere, ativamente, no interior de uma dada sociedade, como também se familiariza com os outros à medida que compartilha os mesmos valores e as mesmas características.

Desde o nascimento, o indivíduo interioriza e reproduz características de seu círculo social. Para isso, é necessário um investimento em torno do corpo por meio da educação. Mesmo na idade adulta, esse indivíduo assimila as características sociais, mas em menor intensidade. Nesse sentido, o indivíduo se encontra em constante “processo de socialização da experiência corporal” (LE BRETON, 2006, p. 08), uma vez que se conserva no meio social, interagindo com os outros e, conseqüentemente, assimilando novos valores.

Atentando-nos a essa ideia, é possível notar o valor simbólico que o corpo assume em seu círculo social, na medida em que evidencia características indispensáveis para o reconhecimento do indivíduo. Por ser o traço mais visível, o corpo é apresentado como um instrumento eficiente, pois é através dele que se realizam várias ações. Le Breton, citando M. Mauss, assinala algumas ações nomeadas de técnicas do corpo que estão relacionadas ao sexo, à idade, ao rendimento, às formas de transmissão, à religião e à sexualidade.

Para a análise dos contos, é fundamental mencionarmos as seguintes técnicas: as técnicas relacionadas ao sexo, uma vez que “as definições sociais de homem e mulher implicam frequentemente um conjunto de gestos codificados de diferentes maneiras” (LE BRETON, 2006, p. 40); as técnicas relacionadas à idade, já que elas envolvem a infância, a adolescência e a idade adulta. Por fim, temos as técnicas relacionadas à sexualidade, as quais envolvem as escolhas dos companheiros.

Como é notório, o corpo é um terreno de embates conceituais. Na perspectiva dos estudos de gênero, o corpo é avaliado como um lugar onde se ancoram identidades, sendo estas de gênero, de sexo etc. Desse modo, o corpo é considerado, muitas vezes, uma referência que possibilita várias avaliações prévias sobre os indivíduos. Segundo Guacira Lopes Louro, o corpo consente deduções sobre “uma identidade de gênero, sexual ou étnica de “marcas” biológicas; o processo é, no entanto, muito mais complexo e essa dedução pode ser (e muitas vezes é) equivocada” (2001, p. 14).

Por ser inconstante, o corpo se altera, visto que está sujeito a enfermidades e a mudanças de atitudes. Mas, mesmo assim, é comum as avaliações prévias, já que construímos critérios para encaixar os indivíduos em seu um círculo social. Nesse sentido, os indivíduos são classificados “pelas formas como eles se apresentam corporalmente, pelos comportamentos e gestos que empregam e pelas várias formas com que se expressam” (LOURO, 2001, p. 15).

Ao classificar os indivíduos, as sociedades instituem normas a fim de fixar identidades “legítimas”. Os que não se ajustam a essas identidades são marcados socialmente como corpos anormais e imorais. Em nossa sociedade, a identidade legítima nos “remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristã” (LOURO, 2001, p. 15). A identidade ilegítima, por sua vez, remete-nos à mulher, aos gays ou às lésbicas, aos de classe baixa, já que essas identidades atravessam as fronteiras instituídas arbitrariamente.

Para fixar identidades legítimas, a sociedade cria mecanismos a fim de educar os corpos. De acordo com Guacira Lopes Louro, a escola é a principal instância que procura disciplinar os indivíduos conforme os valores vigentes de sua sociedade. Para isso, é necessária uma pedagogia contínua em torno dos corpos, ou seja, um investimento disciplinar sutil, mas eficiente, ao passo que os indivíduos manifestam, muitas vezes, um comportamento tido como coerente em sua sociedade.

Além da escola, outras instâncias, como a família, a mídia, a igreja, a lei também exercem uma pedagogia sobre o corpo. Essas instâncias

fazem um investimento que, frequentemente, aparece de forma articulada, reiterando identidades e práticas hegemônicas enquanto subordina, nega ou recusa outras identidades e práticas; outras vezes, contudo, essas instâncias disponibilizam representações divergentes, alternativas, contraditórias (LOURO, 2001, p. 25).

Nesse contexto, é importante lembrarmos que, em sociedade androcêntrica como a nossa, é comum a inibição de sentimentos entre os homens, uma vez que estes devem expressar um comportamento altamente viril e machista. Mesmo em momentos íntimos, os homens devem conter as suas emoções e apenas manifestar atitudes que expressam lealdade e coragem. As mulheres, por sua vez, são estereotipadas como o sexo frágil e, por isso, devem expressar livremente os seus sentimentos e a sua sensibilidade, como: as lágrimas e os lamentos.

Esses comportamentos entre ambos os sexos nos levam a notar uma imposição em torno do corpo, uma vez que os indivíduos devem atuar em conformidade com suas características anatômicas. Dessa forma, é possível inferir que, em nossa sociedade, a “ordem funciona” como se os corpos carregassem uma essência desde o nascimento; como se corpos

sexuados se constituíssem numa espécie de superfície pré-existente, anterior à cultura” (LOURO, 2008, p.81).

Apesar de toda essa imposição, é comum encontrarmos indivíduos que atravessam as fronteiras de gênero ou de sexualidade. Esses indivíduos, como já mencionamos, são marcados como corpos anormais e imorais. Por isso, eles, muitas vezes, são punidos. Segundo Guacira Lopes Louro, esses indivíduos, provavelmente, “serão rotulados (e isolados) como “minorias”. Talvez sejam suportados, desde que encontrem seus guetos e permaneçam circulando nesses espaços restritos” (2008, p. 87).

Todas essas explicações nos ajudam a notar o quanto o corpo assume uma função importante em nossa sociedade, visto que é por meio dele que se classificam e hierarquizam os indivíduos. As características corporais “são significados culturalmente e é assim que se tornam (ou não) *marcas* de raça, de gênero, de etnia, até mesmo de classe e de nacionalidade” (LOURO, 2008, p.75). Sendo assim, é possível compreender que essas características se constituem em marcas de poder, visto que permitem distinguir os indivíduos.

Em nossa sociedade, a marca mais expressiva é a característica anatômica, uma vez que consentiu a divisão entre os indivíduos em masculino e feminino. Conforme Guacira Lopes Louro, essa característica anatômica acarretou em uma relação hierárquica, pois os indivíduos do sexo masculino detiveram, por muito tempo, o poder; enquanto os indivíduos do sexo feminino foram condenados à marginalização social e, por conseguinte, ao silenciamento.

A partir daí, é possível inferir que essa característica anatômica se tornou uma justificativa natural para as desigualdades entre homens e mulheres. Mas, é relevante mencionarmos que essa justificativa vem sendo problematizada na medida em que a relação entre homens e mulheres vem se transformando, devido às mudanças “vinculadas ao industrialismo, à divisão sexual do trabalho, bem como às ideias de caráter feminista então em circulação” (LOURO, 2008, p. 78).

Como visto, a inserção dos indivíduos em um determinado grupo de pertencimento está relacionada às suas características corporais. Sendo assim, a marca permite que o indivíduo



seja reconhecido como pertencendo a determinada identidade; que seja incluído em ou excluído de determinados espaços; que seja acolhido ou recusado por um grupo; que possa (ou não) usufruir de direitos; que possa (ou não) realizar determinadas funções ou ocupar determinados postos, que tenha deveres ou privilégios; que seja, em síntese, aprovado, tolerado ou rejeitado (LOURO, 2008, p. 83-84).

Dada a importância que o corpo assume no contexto social e cultural, apresentamos, nesse segundo momento, a análise da representação do corpo das personagens excluídas no conto 'A confissão de Leontina', de Lygia Fagundes Telles. Nesse conto, temos um monólogo. Este recurso estético se mostra muito importante, uma vez que nos permite aproximar dos conflitos da personagem à medida que esta os revelam.

Então, nesse conto, temos a representação de uma mulher que aponta a naturalização de determinados papéis femininos a partir da sua atuação corporal. Leontina é uma excluída que se encontra em cárcere rememorando o seu sofrimento, desde a infância à prisão. O comportamento manifestado por essa personagem se enquadra em um sistema rígido de disciplina, pois se conduz conforme as regras impostas e se mostra monitorada por uma relação de poder.

Inserida em um espaço socialmente marginalizado, Leontina rememora, inicialmente, a sua infância marcada pela miséria. Nessa fase, a família se constitui em uma importante referência para a construção de sua identidade, uma vez que a personagem interioriza e reproduz fielmente os valores imbuídos nesse ambiente familiar. Dessa forma, a família se mostra como uma instância altamente determinante no comportamento de Leontina, pois é nesse ambiente que se inicia o seu processo de socialização da experiência corporal.

Nesse contexto, é relevante mencionarmos a mãe, uma vez que esta se mostra submissa e inteiramente disciplinada, na medida em que assume comportamentos naturalizados:

Minha mãe vivia lavando roupa na beira da lagoa. Ela lavava quase toda roupa da gente da vila mas não se queixava. Nunca vi minha mãe se queixar. Era miudinha e tão magra que até hoje fico pensando onde ia buscar força pra trabalhar tanto. Não parava. Quando tinha aquela dor de cabeça de cegar então amarrava na testa um lenço com rodela de batata crua e fazia o chá que colhia no quintal. Assim que a dor passava ia com a trouxa de roupa pra lagoa (TELLES, 1999, p. 74-75).

Assim como a mãe, Leontina também exerce papéis femininos pré-estabelecido sem ao menos contestar. “Eu fazia a comida e cuidava da casa. Minha irmãzinha Luzia bem que podia me ajudar que ela já tinha seis anos, mas vivia com a mão suja de terra e sem entender direito o que a gente falava” (TELLES, 1999, p. 75). Dessa forma, a personagem reflete o comportamento da mãe, visto que assume papéis naturalizados, como também aceita passivamente a sua condição de submissa.

Ainda nesse contexto, é importante assinalar a ausência paterna. A única presença masculina expressiva na infância de Leontina é representada pelo primo Pedro. Este assume um posto superior em relação às outras personagens, já que usufrui de alguns direitos, enquanto as personagens femininas se encontram em condição de subordinação total:

Até a lenha do fogo era eu que catava no mato. Perguntei um dia pra minha mãe por que Pedro não me ajudava ao menos nisso e ela respondeu que o Pedro precisava de estudar pra ser médico e cuidar então da gente. Já que o dinheiro não dava pra todos que ao menos um tinha que subir pra dar as mãos pros outros. (TELLES, 1999, p. 75).

Atentando-nos a esse fragmento, é possível notar uma relação hierárquica nesse ambiente familiar, em que o homem ocupa uma posição superior em relação às mulheres. Segundo M. Mauss, citado por Le Breton, essa relação está estreitamente vinculada ao sexo, pois a definição de homem e mulher implica em determinados comportamentos, bem como em certos postos sociais em sociedades androcêntricas. Daí, então, as atitudes intratáveis e, até mesmo agressivas, de Pedro com Leontina:

Perguntei um dia em que ele tanto pensava e ele respondeu que quando crescesse não ia continuar assim um esfarrapado. Que ia ser médico e importante que nem o doutor Pinho. Caí na risada ah ah ah. Ele me bateu mas me bateu mesmo e me obrigou a repetir tudo o que disse que ia ser. Não dê mais risada de mim ficou repetindo não sei quantas vezes e com uma cara tão furiosa que fui me esconder no mato com medo de apanhar mais (TELLES, 1999, p. 74).

Como visto, Pedro assume um comportamento que aponta a supremacia e a dominação masculina. Leontina, por sua vez, mostra-se submetida a várias formas de violências, visto que aceita naturalmente as normas arbitrárias impostas em seu corpo. Dentre essas violências, mencionamos a “violência simbólica” que, segundo Pierre Bourdieu, consiste em “uma disciplina incessante, relativa a todas as partes do corpo, e que se faz

lembrar e se exercer continuamente através da coação quanto aos trajes ou aos penteados” (1999, p. 38).

Para Elódia Xavier, em *Que corpo é esse?* (2007), essa violência exerce “uma ação transformadora que se manifesta de maneira invisível e insidiosa, através de interações prolongadas com as estruturas de dominação. O resultado visado é um só: a submissão às regras em todos os níveis” (p. 59). No caso do conto, é possível notar essa violência à medida que Leontina se apresenta como um corpo marcado por uma opressão de várias ordens. Mesmo apresentando algumas insatisfações, o corpo em questão se mostra dominado e, conseqüentemente, imobilizado.

É relevante mencionarmos que o processo de socialização da experiência corporal da personagem Leontina continua na adolescência. Segundo Le Breton, esse processo “é uma constante condição social do homem que, entretanto, encontra certos períodos da existência, principalmente na infância e na adolescência [...]” (2006, p. 08). Daí, então, a constante interiorização de valores da personagem Leontina, mesmo nos momentos em que esta se encontra inserida em um ambiente não familiar, como a casa da senhora Gertrudes.

Nesse ambiente, Leontina interage com outras pessoas, como: Gertrudes, João Carlos (esposo de Gertrudes) e João Carlos (filho de Gertrudes). No entanto, esse ambiente se mostra totalmente opressivo, pois a personagem é constantemente monitorada e também tratada com muita hostilidade: “Nem pra ir ao banheiro eu tinha sossego que ela ficava rondando a porta e resmungando que eu devia estar cagando prego pra demorar tanto assim” (TELLES, 1999, p.85-86).

Apesar de ser um corpo submisso, Leontina busca melhores condições sociais e também pessoais, na medida em que foge de Olhos d’ Água para viver em São Paulo. Nesta cidade, a personagem conhece Rogério, um marinheiro que a acolhe em sua casa. Com esse marinheiro, Leontina vivencia novas experiências corporais, pois adquirir hábitos higiênicos que, até então, eram ignorados:

Depois me deu um sabonete verde e avisou que o banheiro ficava ao lado. Não me vergonho de dizer que aprendi a tomar banho todo dia com o Rogério. Você tem que tomar banho todo dia e lavar bem as partes ele ensinou quando expliquei que em casa a gente só tomava banho de bacia em dia de festa porque nas outras vezes só lavava o pé. E na casa da minha

patroa ela não gostava que eu me lavasse pra não gastar água quente (TELLES, 1999, p. 89-90).

Além dos cuidados higiênicos com o corpo, Leontina inicia as atividades sexuais com Rogério. Sem um vínculo conjugal, ambos mantêm uma sexualidade ativa:

Ele riu e se deitou do meu lado. Você está com medo? Ele perguntou. Confessei que estava. Não tenha medo ele disse. É como beber um copo d' água. Enquanto você estiver assim tremendo a gente não faz nada está bem assim? Te ensino como evitar filhos e outras coisas. Fechou a luz e ficou fumando e eu fiquei encolhida e olhando pro teto. Não gostava do cheiro da fumaça mas era bom o cheiro de sabonete e até hoje não sei por que pensei em meu pai quando ele passou o braço debaixo da minha cabeça e me chamou, Vem Joana (TELLES, 1999, p. 90).

Michel Foucault, em *História da sexualidade* (1985), traz alguns estudiosos que condenam esse tipo de relação, pois as atividades sexuais devem ocorrer quando duas pessoas livres passam a manter um vínculo conjugal. Para o autor, essa concepção antecipa “a ideia cristã de que o prazer sexual é nele mesmo uma macha, que apenas a forma legítima do casamento, com a procriação eventual, poderia tornar aceitável” (FOUCAULT, 1985, p. 170).

É relevante mencionarmos que Leontina cria expectativa em manter um vínculo conjugal com Rogério. No entanto, este rejeita essa possibilidade, na medida em que afirma ser livre: “Sou livre mas não vá ficar alegre com isso porque casar não caso mesmo. Meu compromisso é outro. Nunca esquento o rabo em parte alguma [...]” (TELLES, 1999, p. 89). Dessa forma, Rogério se revela um homem altamente machista; enquanto Leontina reitera toda uma tradição que aponta o casamento como a única alternativa social para a mulher.

Embora não concretize o vínculo conjugal, esses momentos com Rogério se mostram relevantes para Leontina, uma vez que esta adquire novas experiências corporais. No entanto, ela também assimila valores que a tornam mais submissa: “Foi com ele que aprendi isso de dizer que não tem problema. Nada de se aporrinhar que a vida assim acaba ficando uma puta aporrinhação ele repetia quando eu me queixava de alguma coisa” (TELLES, 1999, p. 91). Sempre reiterando esse discurso, Leontina se mostra uma mulher silenciada e, consequentemente, invisível.

Essa invisibilidade se agrava à medida que Leontina rememora os momentos em que transitava por um ambiente socialmente estigmatizado, como a zona. Mesmo estando à margem da sociedade, a personagem mantém a expectativa de estabelecer um vínculo

conjugal. Porém, essa possibilidade é novamente rejeitada no memento em que sua amiga lhe revela os perigos da prostituição:

Não confessava nem pra Rubi mas no fundo do coração cheguei a esperar que de repente aparecesse alguém que gostasse de mim de verdade e me levasse embora com ele. Podia até ser alguém que me falasse em casamento. Mas Rubi que parecia adivinhar meu pensamento me avisou que tirasse o cavalo da chuva porque nenhum homem que casar com uma mulher que fica atracada a noite inteira com tudo quanto é cristã que aparece. Os tipos que transavam pela zona eram todos sem futuro. Agradeça a Deus se algum deles não se lembrar de te jogar pela janela ou te enfiar a faca na barriga (TELLES, 1999, p. 99).

Reportando-nos a esse fragmento, é possível notar como a prostituição é estigmatizada socialmente, pois Rubi, amiga de Leontina, vê-se como indivíduo condenado à marginalização à medida que revela a sua amiga a impossibilidade de um vínculo conjugal. Sob a ótica de Foucault, a disciplina exige a separação dos corpos em ambientes distintos. Daí, então, a condenação de Leontina a esse ambiente marginalizado e, conseqüentemente, a não realização de seu sonho.

Como visto, Leontina, nesse ambiente, interage com novas pessoas, assim como mantém em atividade a sua sexualidade. Sujeita a várias enfermidades, essa personagem se relaciona com vários homens a fim de manter o seu sustento. No entanto, ela vivencia várias situações embaraçosas, já que se depara com homens que a mal tratam. Entre eles, temos o velho que lhe oferece um vestido em troca de relações sexuais. A personagem aceita o vestido, mas rejeita o velho.

Inconformado com essa rejeição, o velho passa agredir Leontina verbal e fisicamente. Na tentativa de se defender, a personagem acerta várias vezes um ferro na cabeça do velho até a morte:

Fui escorregando no banco. E já ia cair ajoelhada quando ele me agarrou de novo e me sacolejou tão forte que fiquei de quatro no fundo do carro. Nessa hora achei uma coisa fria e dura no chão. Era o ferro. Agarrei o ferro e pensei depressa depressa nas brigas que tinha visto no Bar Real e nos homens que levavam cadeiradas e caíam desmaiados mas logo se levantavam como se não tivesse acontecido nada. Num salto me levantei e quando ele me puxou de novo pelo cabelo e me sacudiu assentei o ferro na cabeça dele. Assim que comecei a bater fui ficando com tanta raiva que bati com vontade e só parei de bater quando o corpo do velho foi vergando pra frente e a cabeça caiu bem em cima da direção (TELLES, 1999, p. 107).

Para Elódia Xavier, essa tentativa de defesa de Leontina se mostra um momento de indisciplina, pois a personagem “age violentamente, obedecendo mais ao instinto do que à reflexão” (2007, p. 71). Por apresentar esse momento de indisciplina, a personagem é presa. Este desfecho nos remete não só à prisão física, mas também a uma prisão simbólica, visto que a personagem se mostra “presa” aos valores patriarcais e, portanto, submissa ao poderio masculino.

Além disso, essa prisão se constitui em uma punição para o corpo em questão, já que Leontina, em um momento de aflição, apresenta um comportamento transgressivo. Segundo Guacira Lopes Louro, a indisciplina do corpo acarreta em várias punições severas para os indivíduos, como: o desprezo, a subordinação, o isolamento e, até mesmo, a exclusão. Na melhor das hipóteses, esses indivíduos se tornarão alvo de correção (cf. LOURO, 2008, p. 87). No caso do conto, a personagem se encontra isolada dos outros indivíduos que constituíam o seu círculo social.

Todo esse passado de Leontina nos leva a notar como o corpo em questão é marcado pela opressão, assim como pela dominação masculina. Partindo dos postulados de Guacira Lopes Louro, é possível inferir que a personagem principal se apresenta como um corpo educado, já que reitera valores hegemônicos e universais. Para Elódia Xavier, essa personagem se apresenta como um corpo disciplinado, pois “o seu passado pode ser visto como o tempo da aprendizagem da submissão” (2007, p. 73).

## REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- FOUCAULT, Michel. O vínculo conjugal. In: \_\_\_\_\_. **História da sexualidade, 3: o cuidado de si**. 9º ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985, p. 152-165.
- LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Trad. Sonia M. S. Fuhrmann. Petrópolis: Vozes, 2006.
- LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

\_\_\_\_\_. **Um corpo estranho.** In: \_\_\_\_\_. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

TELLES, Lygia Fagundes. A confissão de Leontina. In: \_\_\_\_\_. **A estrutura da bolha de sabão.** Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p. 73-111.

XAVIER, Elódia. O corpo disciplinado. In: \_\_\_\_\_. **Que corpo é esse?** O corpo no imaginário feminino. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007, p. 55-75.